

## RESENHA

*Allen Porto\**

SCHAEFFER, Francis. **Gênesis no espaço-tempo**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2014. 208 p.

O pastor presbiteriano Francis Schaeffer não é desconhecido no Brasil. Fundador da *Comunidade L'Abri* e da *International Presbyterian Church*, é considerado, por alguns, o líder evangélico mais importante do século 20.<sup>1</sup> Suas obras completas trazem 22 títulos, embora tenha publicado mais que isso.<sup>2</sup> Dentre tais volumes, pelo menos 16 foram traduzidos para o português.

Nascido em 1912, Schaeffer se tornou conhecido pelo tipo de ministério que desenvolveu, aplicando o evangelho às demandas da cultura irracionalista do seu tempo. *L'Abri*, um conjunto de chalés nos Alpes Suíços, abrigava diversos tipos de pessoas, em sua maioria jovens em busca existencial, para “demonstrar a existência de Deus” e fornecer “respostas honestas a questões honestas”.<sup>3</sup> Diferente de muitos em seu tempo, Schaeffer interagiu com a produção cultural para interpretar o homem e anunciar os problemas da cosmovisão da época, apontando para a fé da Reforma – o evangelho – como a única resposta consistente para o dilema humano. Assim, ganhou notoriedade por dialogar com o cinema, a pintura, a ciência e a filosofia, enquanto trazia a Bíblia para a discussão. Faleceu em 1984, tendo deixado um ministério que se

---

\* Aluno do mestrado em Teologia Filosófica no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. Pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana do Renascença, em São Luís, Maranhão. Está envolvido em um projeto de plantação de igreja na mesma cidade.

<sup>1</sup> Conforme a revista *First Things*, Schaeffer é um dos 50 líderes religiosos mais importantes da história dos Estados Unidos. Disponível em: < <http://www.firstthings.com/blogs/firstthoughts/2010/08/50-most-influential-religious-figures-in-american-history>>.

<sup>2</sup> O livro “A obra consumada de Cristo”, por exemplo, não está presente na coletânea.

<sup>3</sup> Schaeffer utiliza a expressão em muitas de suas obras. Em *Gênesis no Espaço-Tempo*, é utilizada na p. 178.

espalhou pelo mundo, com unidades de *L'Abri* na Suíça, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Austrália, Japão e Brasil.

*Gênesis no Espaço-Tempo* deve ser percebido no contexto desse tipo de compreensão e abordagem. Schaeffer está situado no campo reformado, manifestando uma apreciação pela cultura que aponta para Abraham Kuyper. Sua discussão não apenas no âmbito de “fatos”, mas também de pressupostos e cosmovisões, indica a influência de Cornelius Van Til, de quem foi aluno no Westminster Theological Seminary. Sua firmeza doutrinária, aliada às reivindicações do impacto do cristianismo para o todo da vida, revela a absorção do que há de melhor nas tradições reformadas anglo-saxãs e continentais.

O livro trata, em suma, dos primeiros onze capítulos do Gênesis, buscando nos relatos das origens o fundamento da realidade e as respostas a algumas das perguntas mais básicas da humanidade. Em seus oito capítulos, Schaeffer discute a criação e o ser de Deus; a criação do homem e sua singularidade no mundo; a estrutura do mundo; a escolha humana; a queda humana e suas implicações para a vida; o desenvolvimento de duas linhagens e culturas; o dilúvio e as percepções acerca do funcionamento do universo; e Noé, Babel, Abraão e o relacionamento pactual entre Deus e o homem.

O interesse do autor, como a leitura demonstrará, não está em discutir cada fenômeno de maneira excessivamente detalhada, mas em identificar, por meio de contornos abrangentes, o “fluxo da história”.<sup>4</sup> Essa, aliás, é a declaração inicial do texto. Tal aproximação é a força e a fraqueza de Schaeffer. Alguns o considerarão superficial, por não aprofundar tanto a discussão de palavras e cláusulas, ou por não dedicar mais tempo ao aprofundamento dos conceitos tratados, enquanto outros notarão que esta abordagem é mais adequada para lidar com os temas em foco, sem se perder em minúcias. O tema do fluxo da história perpassa o pensamento de Schaeffer, delineando também a sua maneira de fazer teologia bíblica e análise histórica. Caso semelhante acontece na obra *Josué e o Fluxo da História Bíblica*<sup>5</sup> e em *Como Vivemos?*.<sup>6</sup>

Além da noção de fluxo da história, outros temas caros ao autor são encontrados na obra. É o caso da crítica sobre a “divisão da realidade em patamares distintos”: o superior, da “verdade religiosa” e o inferior, da “verdade histórica” (cf. p. 19, 24-26). Tal crítica é forte em obras como *O Deus que Intervém*<sup>7</sup> e *A Morte da Razão*,<sup>8</sup> e é devidamente retomada nesta, que busca apresentar uma percepção do relato bíblico das origens conectada à vida humana em sua

<sup>4</sup> O termo é usado generosamente por Schaeffer. Cf. p. 21, 43, 65, 68, 73, 87, 100, 113, 120, 135, 142, 151, 155, 157, 179, 180, 190, 192, 197, 200, 203.

<sup>5</sup> SCHAEFFER, Francis. *Josué e o fluxo da história bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

<sup>6</sup> SCHAEFFER, Francis. *Como viveremos?* São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

<sup>7</sup> SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

<sup>8</sup> SCHAEFFER, Francis. *A morte da razão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

realidade imediata. Conforme a apresentação do autor, notar a realidade fragmentada implica em perder a força da mensagem de Deus para a vida humana.

Também se faz presente em *Gênesis no Espaço-Tempo* o tema da “comunicação verdadeira e comunicação exaustiva” (cf. p. 49-53), tratado em *O Deus Que Se Revela*.<sup>9</sup> Para Schaeffer, a Bíblia fornece conhecimento verdadeiro, embora não total. Ela é verdade proposicional, mesmo não tratando de todos os temas do conhecimento humano. Tal noção deveria garantir a integridade da Escritura, bem como promover uma aproximação adequada de seu texto. Conforme o autor, a Bíblia pode ser tratada como texto científico no sentido de que suas afirmações sobre o mundo são verdadeiras. Porém, não pode ser tratada como livro de ciências caso se pretenda encontrar nela verdade científica exaustiva, ou mesmo tal tema como o seu assunto central.

A noção de um “Deus infinito e pessoal” também é apresentada nessa obra. Já havia sido abordada em livros anteriores,<sup>10</sup> mas é necessária para o contexto das origens. A chave para a compreensão do mundo e do homem é o Deus infinito, o princípio absoluto e também pessoal, sua marca relacional evidenciada na Trindade. Conforme Schaeffer, sem tais noções, o mundo cai no abismo da irrelevância – o universo não passa de “um punhado de pedrinhas jogadas por aí” (p. 31) – e não há explicações apropriadas para a estrutura presente na realidade. A personalidade do homem também não pode ser explicada fora de tal compreensão: os relacionamentos humanos, os empreendimentos culturais e a prática da justiça se tornam insignificantes.

Para além dos temas recorrentes, tal obra também responde diretamente aos dilemas da compreensão bíblica e às questões do homem no limiar da pós-modernidade. É assim que o título se mostra sugestivo: *Gênesis no Espaço-Tempo* é a tentativa de demonstrar que tais eventos estão ancorados na realidade e de sustentar a veracidade de tais histórias, que conferem identidade, significado e propósito ao ser humano. Enquanto cresce a difusão de ideias acerca de uma origem impessoal e da falta de sentido para a existência, uma alternativa racional e mais consistente é apresentada.

O lugar do homem no mundo é explicado pelas distinções estabelecidas por Deus. Primeiramente, a diferença entre a criação e o homem: somente este possui a imagem de Deus. Em segundo lugar, a diferença entre homem e mulher. A base para o domínio e trabalho, bem como para os relacionamentos, é apresentada. A distinção que orienta todas as outras, contudo, é a que separa o Criador da criação. Schaeffer ecoa Cornelius Van Til ao ressaltar a importância desse ponto. Tal separação, no entanto, ainda permite a comunicação.

<sup>9</sup> SCHAEFFER, Francis. *O Deus que se revela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 113.

<sup>10</sup> Cf. A noção está presente em *O Deus que intervém*, *A morte da razão* e *O Deus que se revela*, a trilogia que orienta e dá sentido a todas as demais obras de Schaeffer.

Deus cria segundo o seu caráter, estabelece a sua autoridade, mas não se relaciona com o homem como com uma máquina. A criatura possui decisão, e a exerce efetivamente, como o pecado veio a ilustrar. Criado para amar a Deus, o homem utilizou o seu poder de decisão para desobedecer ao Criador. A essa altura, Schaeffer manifesta sua compreensão aliancista, descrevendo as partes, a condição e a promessa do pacto das obras (p. 97). Surge, então, a Queda.

Alimentada por Satanás, cuja mentira caminha conforme a teologia liberal (p. 101), a Queda histórica trouxe ao homem o conhecimento experimental da morte. Com ela, a humanidade sofreu os resultados: culpa real, além da ruptura no relacionamento com Deus, consigo, com o seu semelhante e com a natureza. Duas linhagens, então, são formadas, exemplificadas em Caim e Abel. A cultura humanista sem Deus produz a partir de egoísmo e orgulho centrados no homem, enquanto que a cultura da linhagem piedosa, a partir de Sete, identifica-se pela centralidade em Deus.

A separação entre tais culturas se torna clara no episódio do Dilúvio. É importante entender que as genealogias não servem para a contagem cronológica exata, pois não é esse o seu propósito. A figura de Noé, portanto, surge em um momento histórico que não pode ser contado a partir da genealogia descrita. Schaeffer não tem problema em harmonizar a história bíblica com os relatos antropológicos e sugerir uma data anterior a 20.000 a.C. (p. 172). No relato do dilúvio encontra-se a percepção da maldade humana, do juízo de Deus, e questiona-se o fundamento do naturalismo, a saber, a visão do universo como um sistema fechado de causa e efeito. O fluxo da história aponta para a intervenção e o juízo divino.

Após o dilúvio, Deus reafirma o valor do ser humano e estabelece uma nova etapa no relacionamento pactual — uma aliança eterna estabelecida com Noé e seus descendentes. Dessa descendência, tem origem a história de Babel. Trata-se do clamor humanista revelado: fazer um nome para si. Deus exerce juízo e uma nova separação é estabelecida: agora entre nações, com línguas e culturas distintas.

Da linhagem de Sem, filho de Noé, aparece Abraão. A resposta final ao dilema humano será apresentada por meio dele, em quem todas as famílias da Terra serão abençoadas (cf. Gn 12.1-3). A partir da aliança de Deus com Abraão, o evangelho é apresentado. Este é o fluxo definitivo da história.

Aspectos técnicos do livro, como a boa diagramação e o espaçamento das margens também tornam a experiência da leitura agradável e auxiliam o estudante que deseja tomar notas nas páginas. A tradução do Josaías Cardoso é impecável, embora alguns ajustes na revisão precisem ser feitos. A obra é recomendada aos interessados em uma abordagem que discuta teologia bíblica em diálogo com os questionamentos culturais levantados. Pastores, professores e conselheiros bíblicos poderão fazer bom uso dela.